

**DISCURSO INSTITUCIONAL E HOS(TI)PITALIDADE: A LÍNGUA DE (NÃO)
ACOLHIMENTO EM MO(VI)MENTOS**

INSTITUTIONAL DISCOURSE AND HOS(TI)PITALITY: THE (NON) WELCOMING
LANGUAGE IN MO(VE)MENTS

Ângela Derlise Stübe¹

Universidade Federal da Fronteira Sul

Mary Stela Surdi²

Universidade Federal da Fronteira Sul

Roselaine de Lima Cordeiro³

Universidade Federal da Fronteira Sul

Resumo: Neste artigo propomos gestos de interpretação acerca do discurso institucional para o acesso de sujeitos-estudantes haitianos à educação superior, com o objetivo de analisar a noção de hospitalidade pelo viés da desconstrução derridiana em uma perspectiva discursivo-desconstrutiva. A análise aponta para três mo(vi)mentos, os quais nomeamos como *saber a língua para/e (demonstrar) saberes sobre, saber a língua e (demonstrar) saber sobre a língua e provar saber a língua*, que mostram deslocamentos nos modos de hospitalidade ou hostilidade, em que a língua portuguesa é tomada como língua de (não) acolhimento. Nesses três mo(vi)mentos, observamos que há modificações na forma de ingresso que exigem cada vez mais que o candidato compreenda a língua portuguesa. Assim, ao mesmo tempo em que se procura receber o outro a partir da hospitalidade, também está presente o que Derrida chama de hos(ti)pitalidade, pois o sujeito-estudante haitiano precisará cumprir as exigências do processo seletivo em uma língua que não é a sua. Sobre isso, ao longo do trabalho, buscamos mostrar que a língua dita de acolhimento ainda é uma barreira tanto para o acesso quanto para a permanência desse estudante, mas também nos demais âmbitos da sociedade, pois essa é uma língua do dia adia do sujeito, necessária para a sua plena cidadania. Portanto, compreendemos que, para além do espaço acadêmico, é necessário cada vez mais atenção e ações voltadas a minimizar e vencer essa barreira, considerando nesse processo de acolhimento a voz e a língua do imigrante.

Palavras-chave: Discurso institucional; hospitalidade; língua de acolhimento; imigrantes haitianos.

1Doutorado em Linguística Aplicada (UNICAMP), docente na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó/SC, no curso de graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL). E-mail: angelastube@gmail.com

2 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e docente na área de Língua Portuguesa e Linguística na UFFS, campus Chapecó/SC. E-mail: stela@uffs.edu.br

3 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: roselainelcordeiro@gmail.com

Abstract: In this article we propose gestures of interpretation regarding the institutional discourse for the access of Haitian students-subjects to higher education, with the aim of analyzing the notion of hospitality through the lens of Derridean deconstruction from a discursive-deconstructivist perspective. The analysis points to three mo(ve)ments, which we name as knowing the language to/and (demonstrate) knowledge about, know the language and (demonstrate) know about the language and, prove to know the language, which show shifts in manners of hospitality or hostility, in which the Portuguese language is taken as a (non) welcoming language. In these three mo(ve)ments, we observed that there are changes in the form of admission that increasingly require the candidate to understand the Portuguese language. Thus, at the same time as one tries to receive the other from the hospitality, what Derrida (2004) calls hos(ti)pitality is also present, as the Haitian student-subject will need to fulfill the requirements of the selection process in a language that is not theirs. Regarding this, throughout the work, we aimed to show that the so-called welcoming language is still a barrier to both access and permanence of this student, and also in other areas of society, as this is a language of the subject's daily life, necessary for their full citizenship. Therefore, we understand that, for beyond the academic space, more and more attention and actions are necessary to minimize and overcome this barrier, considering the immigrant's voice and language in the welcoming process.

Keywords: Institutional discourse; hospitality; welcoming language; haitian Immigrants.

Submetido em 29 de março de 2024.

Aprovado em 17 de abril de 2024.

Um ponto de partida

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, Santa Catarina, Brasil. Esse tem sido o destino de inúmeros estudantes haitianos nestes últimos dez anos, em virtude de intensos processos migratórios que se sucederam, em especial após o terremoto que afetou o Haiti no ano de 2010.

Historicamente, o Brasil tem empenhado esforços por meio de ações humanitárias e de acolhida a fim de atender e de receber imigrantes vindos de países de diversos continentes, com mais intensidade no século XXI aqueles vindos do continente americano, como é o caso dos haitianos, venezuelanos e bolivianos, principalmente. Dentre as políticas de acolhida, uma delas está relacionada à oferta de políticas de acesso à educação superior, para que esses imigrantes se qualifiquem profissionalmente.

Neste artigo, voltaremos nosso olhar para a análise do discurso institucional da UFFS. Nosso objetivo principal é analisar a noção de hospitalidade pelo viés da desconstrução derridiana em uma perspectiva discursivo-desconstrutiva. Para isso, teoricamente mobilizaremos as noções de discurso institucional (Da Rosa, 2021), Oger e Ollivier-Yaniv (2003)), hos(ti)pitalidade (Derrida (2004), Coracini (2004, 2007 e 2010) e língua de

acolhimento (Ança (2008), Grosso (2010), São Bernardo (2016), Bizon e Camargo (2018)), considerando as condições de produção (Pêcheux, 2014) relacionadas aos fluxos migratórios do século XXI e as políticas de ingresso para estudantes estrangeiros na UFFS.

Cabe destacar que a UFFS, desde o final do ano de 2013 tem ofertado processos seletivos especiais para o acesso de estudantes haitianos aos cursos de graduação da instituição, embasada em orientações nacionais, internacionais e em planos de cooperação entre países, com o objetivo de acolher os imigrantes que almejam qualificação profissional via ensino superior. Acolher, por esse viés, constitui-se em um verbo que ressoa efeitos de sentido do que Derrida (2004) designou como hospitalidade. Hospitalidade seria, pois, “acolher, de forma inventiva, acrescentando algo seu, (este) que vem à sua casa, este que vem a si, inevitavelmente, sem convite” (Derrida; Roudinesco, 2004, p. 76). Os processos seletivos especiais, de certo modo, buscam acolher de forma inventiva aqueles que chegam a essa outra casa, à UFFS.

Na sequência deste artigo, trazemos nossa proposta de análise, organizando uma seção que trata da hos(ti)pitalidade em mo(vi)mento, na qual apresentamos um olhar-leitor acerca do funcionamento do discurso institucional. Trata-se de um olhar discursivo-desconstrutivo que aponta para três mo(vi)mentos que mostram deslocamentos nos modos de hospitalidade ou hostilidade, em que a língua nacional, em nosso caso a língua portuguesa, é tomada como língua de (não) acolhimento. Destacamos que não produzimos uma seção destinada exclusivamente aos fundamentos teóricos e sim os acionamos no decorrer de nossa escritura, bem como buscamos no *corpus* selecionado interfaces com o aporte teórico aqui assumido. Fechando, como um gesto de ponto de parada de nosso trabalho de leitura, tecemos nossas considerações em torno das análises e discussões desenvolvidas.

Por fim, salientamos que este artigo se destina a interessados em estudos que analisam o discurso institucional e seus atravessamentos com a temática das migrações, da língua de acolhimento e da hospitalidade. Como nos ensina Coracini (2010, p. 97), trata-se de uma oportunidade em que o analista de discurso pode atuar, “não para desvendar o que está escondido, o que está nas entrelinhas, mas para problematizar o que é dito, questionar o que parece óbvio, o que se naturalizou como consequência do trabalho ideológico”.

1. Hos(ti)pitalidade em mo(vi)mento

O título proposto para esta seção enseja nosso desejo de convocar efeitos de sentido

que produzam deslocamentos no olhar-leitor, para isso optamos pelo uso de parênteses nos significantes hos(ti)pitalidade e mo(vi)mento. Propomos com esse uso efeitos que apontam para a simultaneidade de uma hospitalidade hostil, o que nos leva a uma importante noção cunhada por Derrida (2000): a “hostipitalidade”. Trata-se de uma hospitalidade hostil que se forja por movimentos nos modos de acolhida inventiva e que mostram deslocamentos desses gestos, marcando diferentes modos de tomar a língua como meio de acolhida ou não.

No intuito de ler alguns mo(vi)mentos do discurso institucional da UFFS, questionamo-nos se esse discurso carrega (ou não) a concomitância da hospitalidade e da hostilidade. Para isso, olharemos inicialmente para as condições de produção desse discurso, porque “*é impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística, fechada sobre si mesma [...] é necessário referi-lo *ao conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção” (Pêcheux, 2014, p. 78).

Para compreender algumas das condições de produção do discurso institucional da UFFS, vale referir que os primeiros haitianos chegam em Chapecó em 2011, fazendo parte de intensos fluxos migratórios que se iniciaram logo após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010⁴. A partir de então, foi possível notar “[...] na região, um novo cenário, formado pela presença de ‘*outros rostos*’, como os haitianos, senegaleses, sírios, dentre outros, com maior ênfase para os primeiros” (Peron; Cella; Bordignon, 2023, p. 78, grifos nossos). Interpretamos que esse fluxo migratório pode ser nominado pelo viés derridiano como um **acontecimento**, uma vez que “um dos traços do acontecimento não é somente que ele venha como o que é imprevisível, o que vem decifrar o curso ordinário da história, mas é também que ele é absolutamente *singular*” (Derrida, 2012, p. 236, grifo nosso). Parece-nos que essa singularidade está presente e marcada no discurso do outro pela “presença de ‘*outros rostos*’”.

Lembremo-nos que a região oeste de Santa Catarina, onde está localizada a UFFS, campus de Chapecó, historicamente foi colonizada por imigrantes europeus, em sua grande maioria italianos e alemães, fazendo parte dos fluxos migratórios do final do século XIX e início do século XX (Stübe, 2008). Rostos brancos, caucasianos, predominaram ao longo desse período, até que o acontecimento de novos fluxos do século XXI mudaram a tez de um

4 Compreendido como um desastre natural, o terremoto ocorrido em 2010, com epicentro na capital do Haiti, Porto Príncipe, deixou cerca de 300 mil mortos e aproximadamente três milhões de pessoas vitimadas de alguma forma, além de levar a uma importante ruptura na vida dos cidadãos daquela terra bem como de seus familiares ao gerar perdas materiais, econômicas, humanas e ambientais, que ultrapassaram a capacidade de enfrentamento do país com seus próprios recursos. Afora isso, o evento agravou as condições de precariedade do país (Barros; Martins-Borges, 2018).

cenário historicamente esbranquiçado⁵, mesmo que por aqui já fosse habitado por indígenas e caboclos.

A UFFS, instituição implantada recentemente, iniciou suas atividades em 2010 e traz em seu discurso institucional, desde o início, referências que buscam promover “[...] políticas de ingresso nos cursos de graduação que contemplem a inclusão de estudantes de escolas públicas, negros, indígenas e *imigrantes*” (Peron; Cella; Bordignon, 2023, p. 80, grifo nosso). Quanto aos últimos, isso ocorre a partir da Resolução nº 32/CONSUNI/UFFS/2013, que instituiu o Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos - PROHAITI.

Nessa resolução, temos materializado um dos mo(vi)mentos do discurso institucional da UFFS acerca de suas políticas de acesso à educação superior para sujeitos-estudantes haitianos. Contudo, antes de seguirmos, cumpre esclarecer que nos pautamos na explicação proposta por Da Rosa (2021, p. 471), compreendendo a noção de discurso institucional como um conjunto de “práticas discursivas frequentemente ritualizadas, as quais compreendem dizeres que tendem a atenuar possíveis conflitos - por meio de procedimentos linguísticos/enunciativos diversos - assim como produzir efeitos de verdade e de generalização”. Desse modo, o discurso institucional pode ser compreendido como “discursos ‘autorizados’ em dado meio, sem referência necessária ao Estado (produções de sindicatos, de partidos políticos, associações profissionais, programas e regimentos de escolas privadas...)” (Oger e Ollivier-Yaniv, 2003, p. 128)⁶.

Para este artigo, selecionamos fragmentos do discurso institucional da UFFS materializado em resoluções, editais e em conteúdos disponíveis no site oficial da instituição. Tais documentos compõem o arquivo (Guilhaumou; Maldidier, 2014) de nosso estudo e dele extraímos as sequências discursivas (SD) para constituirmos o *corpus* para análise. Pautamos nossos gestos de interpretação em torno do lugar da língua portuguesa como língua de acolhimento (ou não) e sua interface com uma hos(ti)pitalidade (in)condicional no discurso institucional.

O PROHAITI, como a designação proposta sugere, configura-se como uma política que promoveu, no período de 2014 a 2022, o acesso exclusivo de candidatos imigrantes de origem haitiana aos cursos de graduação. Ainda, segundo o discurso institucional, como resultado desse programa, mais de 200 estudantes haitianos encontravam-se, em 2021 (dados

⁵ Reconhecemos a relevância dessa discussão, no entanto, optamos por não avançar, uma vez que no *corpus* selecionado para nosso estudo tal aspecto não se constituiu em uma regularidade discursiva.

⁶Tradução de Da Rosa (2018, p. 1541)

referentes a agosto/2021), com matrícula ativa nos diferentes cursos e campi da UFFS (UFFS, 2024) e, até essa data, 11 graduaram-se nos cursos de Administração (3); Agronomia (3); Ciências Sociais (1); Geografia (1); Matemática (3) (UFFS, 2022). Vale lembrar que a chegada dos primeiros haitianos em Chapecó data de 2011 e a resolução para ingresso desse público na UFFS é de 2013, o que revela como em um curto intervalo de tempo a universidade passa a olhar para esse público, uma vez que “A configuração presente no perfil regional é um fator que é levado em conta nas políticas e programas implementados na instituição” (Peron; Cella; Bordignon, 2023, p. 80).

É importante ressaltar que os processos seletivos para ingresso desses estudantes na UFFS foram, desde 2014, passando por transformações em seus modos de funcionamento. Conforme demonstraremos adiante, em nossos gestos de interpretação identificamos a ocorrência de ao menos três mo(vi)mentos ao longo de uma década, ou seja, entre os anos de 2014 e 2023 e nesses mo(vi)mentos, há diferentes funcionamentos da hos(ti)pitalidade, que é atravessada, também, por diferentes formas de compreensão da língua como acolhimento ou não.

Propomos, na sequência, três subseções nas quais estabelecemos possíveis relações e atravessamentos que nos levam a compreender alguns dos deslocamentos do discurso da UFFS para o acesso de sujeitos-estudantes haitianos ao ensino superior. São subseções que tematizam os mo(vi)mentos entre *saber, demonstrar saber e provar saber* e que se organizam cronologicamente, confirmando um movimento que marca momentos de um discurso institucional, caracterizando um conjunto de regularidades para aquilo que é da ordem do repetível e da regularização (Pêcheux, 2007), mostrando-nos o que comparece via intradiscurso e que pode se constituir em marcas linguístico-discursivos para o trabalho de leitura-trituração (Pêcheux, 2016) do analista de discurso.

1.1 Um primeiro mo(vi)mento: *saber a língua para/e (demonstrar) saberes sobre*

Neste primeiro mo(vi)mento, estão agrupados alguns dos editais dos anos de 2014 a 2016 que estão assim designados:

SD 01⁷: Edital nº 038/UFFS/2014: Processo seletivo **especial** para acesso à educação superior da UFFS para estudantes haitianos - **PROHAITI**;

Edital nº 052/UFFS/2015: Processo seletivo **especial** para acesso à educação superior da UFFS para estudantes haitianos - **PROHAITI**;

Edital nº 014/UFFS/2016: Processo seletivo **especial** para acesso à educação superior da UFFS para estudantes haitianos - **PROHAITI**.

A designação “*PROHAITI*”⁸ além de demarcar a abrangência de quem o programa visa atender é grafado desde a Resolução nº 32/2013, em letras maiúsculas, assume a condição linguística de sigla, avançando para a categoria de nome próprio. O significante “*especial*” também presente na designação de todos os editais reforça o caráter de singularidade que se assume para essa modalidade de acesso ao ensino superior e o fato de que se trata de vagas suplementares, portanto vagas que não comprometem o acesso de outros estudantes ao ensino superior. Além disso, cabe destacar que essa formulação se repetirá até o ano 2019, quando ocorrem alterações no programa e nas políticas de acesso aos estudantes imigrantes. Sobre isso, discutiremos na subseção 1.3.

Inicialmente, observamos que os primeiros editais, nº 038/UFFS/2014 e nº 052/UFFS/2015, no item 1.1, trazem a seguinte redação:

SD 02: “Oferecer o acesso a cidadãos haitianos, que residem no Brasil, aos cursos de Graduação da UFFS, **possibilitará a estes indivíduos ter melhores oportunidades junto à sociedade brasileira, mas sobretudo, permitirá que, ao regressarem a sua pátria, possam contribuir decisivamente na reconstrução e reestruturação da mesma, atuando como agentes qualificados e compondo o grupo intelectual que poderá gerir e definir o futuro de seu país**” (UFFS, 2014a; UFFS, 2015).

Em 2016, conforme edital nº 1005/UFFS/2016, a redação desse item é reformulada e reduzida e passa a ser a seguinte:

7 Doravante as sequências discursivas recortadas do arquivo serão indicadas como SD e enumeradas sequencialmente, conforme forem sendo acionadas durante o ensaio. Assim, como serão realçados em **negrito** os recortes que serão objetos pontuais de análise.

8 Cabe esclarecer que os recortes transcritos no corpo do texto serão destacados em *itálico* e entre aspas, como forma de diferenciá-los visualmente de modo mais adequado.

SD 03: “O presente edital destina-se a oferecer o acesso a vagas em cursos de graduação ofertados na UFFS, a **cidadãos haitianos, que residam no Brasil**” (UFFS, 2016b).

Em um primeiro olhar, o recorte “*possibilitará a estes indivíduos ter melhores oportunidades junto à sociedade brasileira*” remete-nos a uma noção de educação que se pretende emancipadora do sujeito, permitindo que este atue em diversas áreas do país a partir de postos de trabalho que exigem formações específicas. Dessa forma, contribuindo para a integração local e nacional do imigrante haitiano. Por outro lado, não podemos nos esquecer de que dentre esses candidatos há aqueles que já possuem curso superior, no entanto, pelo fato de enfrentarem inúmeras barreiras que dificultam ou impedem a realização dos trâmites legais para o reconhecimento de seus diplomas, como o percurso burocrático e oneroso, muitos imigrantes optam por se graduarem novamente em solo brasileiro.

No *continuum* da SD 02, o recorte “*mas sobretudo, permitirá que, ao regressarem a sua pátria*” traz uma formulação que nos faz lembrar que esses sujeitos não estão “em-casa” (Derrida; Dufourmantelle, 2003, p. 46), mas na casa do hospedeiro, que é o dono dessa casa, “o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc” (Derrida; Dufourmantelle, 2003, p. 15). Portanto, aqui não seria “*a sua pátria*” e sim um território de passagem, em que a “*sua*” presença é marcada pelo discurso institucional como sendo algo temporário. Sobre isso, Derrida nos brinda com a seguinte reflexão:

A perversão, a perversibilidade dessa lei (que é também uma lei da hospitalidade) é que pode *tornar virtualmente xenófobo quem protege ou pretende proteger sua própria hospitalidade*, o próprio lar que torna possível essa hospitalidade. [...]. Quero ser senhor em casa [...] para poder ali receber quem eu queira. Começo por considerar estrangeiro indesejável, e virtualmente como inimigo, quem quer que pisoteie meu *chez-moi*, minha ipseidade, minha soberania de hospedeiro. O hóspede torna-se um sujeito hostil de quem me arrisco a ser refém (Derrida; Dufourmantelle, 2003, p 48-49, grifos nossos).

Compreendemos que o paradoxo desse gesto - que ao mesmo tempo em que acolhe, afasta - aponta para um dos mo(vi)mentos do discurso institucional, no qual há um incessante batimento entre hospitalidade e hostilidade, fazendo emergir a “hostipitalidade”. De acordo com Coracini (2010), a hospitalidade é um termo que tem na raiz sentidos que oscilam entre os opostos (hospes e hostes) e, em virtude disso, carrega o sentido de acolhimento (hospital, hospício, hospedagem, hóspede, hospedeiro etc.) concomitante ao sentido de hostilidade (da mesma raiz, hostis, temos hostil, hostilidade, mas também hotelaria, hotel). Ao sujeito-imigrante seria oferecida a “hostipitalidade”, neologismo derridiano, que une, sem unir,

hospitalidade e hostilidade: “ao mesmo tempo que se acolhe, se hostiliza o diferente, o estranho, o estrangeiro que traz consigo diferenças lingüístico-culturais, perturbadoras da ordem dos discursos vigentes na sociedade que acolhe sem acolher, que protege sem proteger” (Coracini, 2010, p. 98).

Seguindo em nossas análises, lembremo-nos do que Grosso ressaltava em relação ao contexto de acolhimento, quando ela destaca como é preciso uma interação em diversos espaços da vida social (privado, público, educativo e profissional), de modo que seja possível o desenvolvimento de competências de comunicação “[...] que ultrapassem largamente os conhecimentos e saberes da competência linguística, sendo também pela interação social que o público-aprendente toma consciência de que tipo de mediação deve estabelecer com os falantes da língua-alvo” (Grosso, 2010, p. 70).

Por assumirmos uma perspectiva discursiva de que a língua não é transparente, mas se constitui na relação com a história e a ideologia, cabe destacar que nem sempre ela pode ser tomada como um instrumento de comunicação, muito pelo contrário, ela sempre está suscetível ao equívoco e à deriva de sentidos (Pêcheux, 2009). Por isso, neste trabalho, trazemos à cena a noção de língua de acolhimento que vem, inicialmente, de Portugal com as pesquisadoras Maria Helena Serra Ferreira Ança e Maria José dos Reis Grosso, porém, mostrando como no contexto brasileiro vários estudos têm sido feitos a fim de compreender essa noção teórica a partir da realidade que vivenciamos no Brasil⁹.

Para Grosso (2010), a língua de acolhimento vai além das noções de língua estrangeira e de segunda língua. Ela destaca que para os adultos recém imersos a uma nova realidade lingüístico-cultural “[...] o uso da língua estará ligado a um diversificado saber, saber fazer, a novas tarefas lingüístico-comunicativas que devem ser realizadas na língua-alvo” (Grosso, 2010, p. 68). A autora frisa que a língua de acolhimento “[...] permite o acesso mais rápido à cidadania como um direito, assim como o conhecimento e a promoção do cumprimento dos deveres que assistem a qualquer cidadão” (Grosso, 2010, p. 71), de modo que “[...] não existe plena e inteira cidadania sem a posse da língua do país onde se vive” (Ança, 2008, p. 74).

Do campo teórico de que falamos, compreendemos a impossibilidade da “posse” da língua, pois como Derrida (2001a) nos explica, a propriedade de uma língua é impossível,

⁹ “No cenário brasileiro, diferentes pesquisadores (ZAMBRANO, 2021; LOPEZ, 2016; 2018; BULLA, KUHN, 2020; ANUNCIAÇÃO, 2018), têm questionado a transposição terminológica do termo PLAc, problematizando-o e propondo uma (re)significação conceitual a partir, sobretudo, de discussões oriundas dos Estudos Decoloniais, haja vista as diferenças latentes existentes entre o cenário brasileiro e o cenário português de atuação da área” (Silva, 2023, p. 13). Vale ressaltar que o PLAc é tomado como Português como Língua de Acolhimento.

uma vez que qualquer língua é acometida de uma espécie de “alienação’ original”. Nos dizeres do filósofo: “O que tenho dificuldade em entender é todo este léxico do ter, do hábito, da posse de uma língua que seria ou não nossa, a tua, por exemplo. Como se o pronome e o adjectivo possessivos fossem, aqui, quanto à língua, proscritos pela língua” (Derrida, 2001b, p. 37.)

O que Derrida nos mostra é que não nos apropriamos totalmente da língua, mesmo que seja a nossa língua dita materna, enfatizando a impossibilidade de as línguas pertencerem a alguém: “[...] quando nascemos em uma língua, nós herdamos algo, porque ela já está aí antes de nós, é mais velha do que nós, sua lei nos antecede. [...] Para um ser finito não há herança que não implique em uma espécie de seleção, de filtragem. [...]” (Derrida, 2001a, p. 12).

A pesquisadora brasileira Mirelle Amaral de São Bernardo aponta para uma noção de língua de acolhimento que transcende a questão linguística e cultural

[...] e refere-se também ao prisma emocional e subjetivo da língua e à relação conflituosa presente no contato inicial do imigrante com a sociedade de acolhimento, a julgar pela situação de vulnerabilidade que essas pessoas enfrentam ao chegarem a um país estrangeiro, com intenção de permanecer nesse lugar (São Bernardo, 2016, p. 66).

Por sua vez, as pesquisadoras brasileiras Ana Cecília Cossi Bizon e Helena R. E. de Camargo propõem a noção de acolhimento em línguas¹⁰. Nessa direção, consideram que as ações relacionadas à institucionalização de políticas de acolhimento precisam considerar “[...] o migrante como uma voz efetiva do processo de inserção, não apagando as particularidades do seu deslocamento e das construções culturais e sociolinguísticas que o constituem” (Bizon; Camargo, 2018, p. 713).

Nesse sentido, as ações da universidade, materializadas pelo discurso institucional, para propiciar o ingresso de estudantes imigrantes, vão ao encontro dessa possibilidade de interação, partilha e compreensão de diferentes comportamentos, costumes e demais aspectos

10 Em razão do limite de páginas deste trabalho, aprofundaremos essa discussão e problematização da noção de língua de acolhimento em trabalhos futuros. Entretanto, propomos o seguinte destaque a partir de Bizon e Camargo (2018, p. 717): “Dessa forma, a nosso ver, falar em língua de acolhimento pode motivar a compreensão de que uma única língua está sendo considerada nesse processo, em uma evidente vinculação a perspectivas liberais de multiculturalismo e ensino. Vale salientar, ainda de acordo com o que discute Anunciação (2017), que o termo língua de acolhimento tem sua origem no contexto de imigração de Portugal, onde está vinculado a uma política de línguas que condiciona o acesso a direitos sociais, como emprego legalizado, por exemplo, à conclusão dos cursos e obtenção de certificação de língua portuguesa. Preferimos, assim, não falar em língua de acolhimento, mas em acolhimento em línguas, reforçando nossa afiliação a ‘uma perspectiva transcultural (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007) e translíngua (CANAGARAJAH, 2013), que contemple o uso das diferentes língua(gens) nos diferentes espaços de enunciação” (ANUNCIACÃO, 2017, p. 96).

culturais. Entretanto, conforme veremos a seguir, para que o imigrante haitiano tenha acesso a esse espaço de interação é necessário que ele já conheça minimamente a língua portuguesa, o que já marca uma das contradições do discurso institucional. Entretanto, consoante ao que Da Rosa (2018, p. 1547) comenta, essas contradições são estabilizadas e possíveis conflitos são silenciados porque esse discurso “fala a língua do direito em que se assegura o dever de hospitalidade, ainda que esta seja parasitada por seu oposto”.

Vale destacar também que a SD 02 presente nos Editais de 2014 e 2015 indica que tal formação contribuirá no retorno desses sujeitos ao seu país, estando qualificados a atuarem na gestão e definição de rumos do Haiti, o que tem relação com as condições de produção desse dizer que já se encontra na portaria da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) de 2010¹¹ em que se apontava para os esforços do Brasil na direção de contribuir na reconstrução do Haiti e das suas universidades após o terremoto.

Nesse sentido, o PROHAITI apresenta esse jogo linguístico, o “PRO”, além de programa, permite que pensemos no sentido de favorável à, nesse caso, ao país de origem desses imigrantes a fim de contribuir com a sua reconstrução, assim como favorável aos sujeitos-estudantes haitianos que poderão acessar o espaço da universidade para se qualificarem e interagirem nessa nova língua e cultura em que estão inseridos, podendo, posteriormente, atuarem, a partir da sua qualificação profissional.

Na SD 03, a formulação muda no edital, porém os objetivos, de integração local e nacional e de qualificar o profissional para que quando retorne ao Haiti possa contribuir no seu desenvolvimento, permanecem na resolução, base legal em que cada processo seletivo segue amparado: “[...] contribuir para integrar os imigrantes haitianos à sociedade local e nacional, por meio do acesso aos cursos de graduação da UFFS, e qualificar profissionais que ao retornar possam contribuir com o desenvolvimento do Haiti” (UFFS, 2013). A menção mais explícita nos primeiros editais parece-nos que permite que tais marcas da resolução sejam mais conhecidas e enfatizadas tanto para o público-alvo quanto para a comunidade acadêmica e público externo de modo geral.

Esse conjunto inicial de editais se caracteriza por realizar provas objetivas, de múltipla escolha, em que os sujeitos devem *saber a língua e (demonstrar) saberes sobre*, uma vez que as provas, além de serem redigidas somente em língua portuguesa, testam também conhecimentos gerais de diversas áreas do conhecimento. Nesse primeiro mo(vi)mento,

¹¹ Portaria nº 092, DE 28 DE ABRIL DE 2010 - Institui o Programa Emergencial PRÓ-HAITI em Educação Superior e dispõe sobre os procedimentos para operacionalização das atividades do programa.

observamos gradativamente a redução a cada ano de prova do número de questões, alternativas e áreas. Assim, a prova passa de 50 questões: matemática: (10); interpretação de texto (10); Física (6); Química (6); Biologia (6); Geografia (6) e História Geral (6), para 30 e depois 20, com um funcionamento avaliativo que nos lembra o modelo de vestibular tradicionalmente realizado no Brasil e que vai passando por adaptações. No último processo seletivo que compõe este primeiro movimento, o edital informa que as questões de múltipla escolha testarão os conhecimentos do candidato em Língua Portuguesa.

Interpretamos que esse movimento remete-nos à fase de implantação do programa, o que pressupõe constantes avaliações ao longo do percurso e eventuais mudanças. Assim, por se tratar de algo novo, observamos que há esse gesto de revisões no modo de seleção desses estudantes. Ao encontro disso, é importante frisar que há uma singularidade desse público em relação à língua. Os candidatos terão que responder questões em uma língua diferente daquela de seu país de origem, na língua do hospedeiro. Parece-nos que, nesse movimento, a redução gradativa de questões pode indicar uma tentativa da universidade em compreender cada vez mais as características desse público, especialmente em relação à língua, bem como, contraditoriamente, pode sinalizar um aspecto do discurso institucional que aponta para uma “imposição unilateral de alguma ‘política’ da língua” (Derrida, 2001b, p. 55). Conforme destaca Derrida, “Esta imposição soberana pode ser aberta, legal, armada ou manhosa, dissimulada através dos alibis do humanismo ‘universal’, por vezes da hospitalidade a mais generosa” (Derrida, 2001b, p. 55).

Um aspecto que podemos salientar é que esse formato de prova, conforme observamos ao longo dos editais, pressupõe um candidato que já use minimamente a língua portuguesa, como enunciado nos editais, o que ratifica o caráter de imposição unilateral de uma determinada “política” da língua e que faz parte do funcionamento do discurso institucional:

SD 04: “4.3 Todas as questões serão elaboradas em **língua portuguesa**” (UFFS, 2015).

SD 05: “3.2 A prova terá 20 (vinte) questões objetivas de múltipla escolha que testarão os conhecimentos em **Língua Portuguesa** do candidato” (UFFS, 2016a).

Com essas exigências estabelecidas nos editais, interpretamos que o discurso institucional acaba por delimitar o perfil desse sujeito-estudante haitiano, determinando quem terá acesso ou não ao ensino superior. Para acessá-lo será necessário *saber a língua para*

demonstrar esse saber. Um mo(vi)mento que mescla acolhimento e afastamento, hospitalidade e hostilidade.

Nos dizeres derridianos, encontramos um ponto de ancoragem para essa concomitância:

[...] o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro [...]. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência. A questão da hospitalidade começa aqui: *devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-los entre nós?* (Derrida; Dufourmantelle, 2003, p. 15, grifos nossos)

Parafraseando Derrida, devemos exigir do sujeito-estudante haitiano que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-los entre nós? Compreendemos que há uma barreira para esse candidato que é do âmbito da língua, barreira que ele enfrenta também em outras áreas da sociedade, haja vista que “Não saber o idioma é a maior barreira para integração e inserção na sociedade de acolhimento” (São Bernardo, 2016, p. 19). Grosso (2010) ressalta, ainda, que se comunicar na língua do país em que se está chegando e conhecer a legislação são fundamentais para uma integração temporária ou permanente, desse modo destaca a importância do ensino-aprendizagem da língua de acolhimento.

Nessa direção, São Bernardo defende o papel da língua de acolhimento como forma de incluir, integrar e transformar: “Por meio do aprendizado da língua as pessoas tornam-se parte da sociedade que as acolhe e, por esse motivo, elas conseguem se estabelecer e transformar sua realidade” (São Bernardo, 2016, p. 118). Além disso, no estudo de São Bernardo, a autora esclarece como a língua de acolhimento tem relação com a necessidade do dia a dia dos falantes, diferente do que ocorre em outros contextos de ensino de línguas.

Por esse mesmo viés, podemos destacar algumas das ações da UFFS no sentido de contribuir com a quebra dessa barreira ou com a minimização do seu efeito que estão publicizadas no site da universidade. A primeira é a oferta de cursos de extensão de português para imigrantes; a segunda é a oferta no Campus Chapecó de componentes curriculares de Leitura e Produção Textual (LPT) e Produção Textual Acadêmica (PTA) com turmas formadas exclusivamente por estudantes haitianos e, depois, estrangeiros.

Entretanto, segundo dados do discurso institucional, que apresenta uma avaliação dos

primeiros cinco anos do PROHAITI, isso ainda não é suficiente, pois, dentre vários fatores, a taxa de evasão foi bastante alta no período analisado. Sobre isso discutiremos na próxima seção, na qual propomos um segundo mo(vi)mento de interpretação sobre o discurso institucional e suas interfaces com uma hos(ti)pitalidade em que cabe ao sujeito-estudante haitiano *saber a língua e demonstrar saber sobre ela*.

1.2 Um segundo mo(vi)mento: *saber a língua e (demonstrar) saber sobre a língua*

Este segundo mo(vi)mento de análise reúne os editais referentes aos anos de 2016/02 a 2019. Vale ressaltar que no primeiro processo seletivo, em 2014, ocorreu a oferta de vagas pelo PROHAITI para outros *campi* além de Chapecó/SC, no entanto, naquele momento, não houve inscritos. Desse modo, os editais seguintes, até 2016, direcionam-se ao contexto exclusivo do estado de Santa Catarina, campus Chapecó. A partir de 2017, as vagas passam a ser ofertadas também em outros *campi* da UFFS: Erechim/RS, Realeza/PR e Laranjeiras do Sul/PR, atendendo uma demanda desse mesmo fluxo migratório que se amplia nessas regiões de abrangência da universidade, agora contemplando os três estados da Região Sul do Brasil, como identificamos nas SDs a seguir:

SD 06: “2.1 A inscrição **deverá** ser feita na Secretaria Acadêmica **do Campus Chapecó da UFFS** de acordo com o curso de graduação que o candidato deseja cursar, conforme as vagas descritas no item 3 do presente Edital” (UFFS, 2014b).

SD 07: “2.1 As inscrições **deverão** ser feitas nas Secretarias Acadêmicas **dos Campi da UFFS** de acordo com o curso que o candidato deseja cursar, conforme as vagas descritas no item 4 do presente Edital” (UFFS, 2016b).

Interpretamos que esse gesto de ampliação de oferta de vagas em outros “*Campi da UFFS*” indica mais um dos mo(vi)mento do discurso institucional da UFFS, que ao constatar a mudança nos demais cenários de sua atuação, opta por oferecer acesso aos sujeitos-estudantes haitianos também nesses locais, assim como um movimento dos sujeitos, já que se passa a haver a oferta de vagas em outros campi da instituição. Conforme nos lembra Da Rosa, a possibilidade de ingressar no ensino superior ou de poder continuar os estudos em outro país “(re)insere o refugiado na dinâmica das relações de trabalho, na busca de ascensão

social e cultural e na luta por visibilidade, configurando-se, por fim, como um embate ético por direitos” (Da Rosa, 2018, p. 1539). Nesse cenário, hospitalidade e hostilidade disputam espaço, uma vez que ambas compõem nas ações do discurso institucional.

Ousaríamos propor que ainda se trata de um gesto de hospitalidade, mas de uma hospitalidade que não é incondicional porque para ser como tal, segundo Derrida:

É preciso que eu não esteja nem mesmo preparado para acolher para que haja verdadeiramente hospitalidade, e que não esteja em condições não somente de prever, mas de predefinir esse que vem; de perguntar a ele, como se faz na fronteira:” Qual é seu nome? Sua cidadania? De onde você vem? O que você vem fazer aqui? Você vai trabalhar?”. O hóspede absoluto é esse que chega para o qual não há nem mesmo horizonte de espera, esse que, como se diz, fura meu horizonte de espera ao passo que não estou preparado nem mesmo para receber aquele que vou receber. É isso a hospitalidade (Derrida, 2012, p. 241).

A hospitalidade incondicional é marcada pelo inesperado da acolhida, pela impossibilidade da predefinição desse que vem. Contudo, passados alguns anos desde o acontecimento dos primeiros fluxos de imigrantes em 2011, “a presença de ‘*outros rostos*’” (Peron; Cella; Bordignon, 2023, p. 78, grifos nossos) já não é mais algo singular em 2016. Já, a hospitalidade condicional, que é aquela oferecida somente “sob a condição de que o outro obedeça às nossas regras, nosso modo de vida, até mesmo nossa linguagem, nossa cultura, nosso sistema político” (Borradori; Derrida, 2004, p. 138), passa a predominar no discurso institucional de acesso ao ensino superior para os imigrantes haitianos.

Queremos dizer com isso que neste segundo mo(vi)mento há deslocamentos no discurso institucional: ao ampliar a abrangência de oferta de vagas para os sujeitos-estudantes haitianos também há deslocamentos de uma hospitalidade que passa a ser mais condicionada. Entendemos que se trata de uma hospitalidade que desliza para uma hostilidade, para uma “hos(ti)pitalidade”, porque passa a exigir que o outro se submeta a condições por aquele que diz hospitaleiro e hospedeiro.

Esse mo(vi)mento está marcado no discurso institucional pelo modo como a língua de (não) acolhimento é tomada, principalmente pelas mudanças evidenciadas nos editais dos processos seletivos, em que os candidatos precisam cada vez mais *saber a língua e (demonstrar) saber sobre a língua*:

SD 08: “3.1.1 **Uma prova de redação, em caráter eliminatório**. Será eliminado o candidato que escrever menos de 4 linhas ou obtiver nota zero.

3.1.2 Uma prova com 20 (vinte) questões objetivas de múltipla escolha, que **testarão**

os conhecimentos em Língua Portuguesa do candidato, em **caráter classificatório**” (UFFS, 2016b).

Se “a língua é hospitalidade” (Derrida; Dufourmantelle, 2003, p. 117), conforme nos lembra Derrida ao citar Lévinas, questionamo-nos sobre que acolhida é essa que exige do candidato *saber a língua e (demonstrar) saber sobre a língua?* Nesse segundo mo(vi)mento do discurso institucional para o acesso ao ensino superior, cabe ao sujeito provar que sabe a língua, produzindo uma *“redação, em caráter eliminatório”*, além de (demonstrar) saber sobre a língua por meio de questões de múltipla escolha que *“testarão os conhecimentos em Língua Portuguesa”*.

Em nosso olhar-leitor, é um gesto que promove o deslize da hospitalidade para a hostilidade, atravessada pela língua, que não é mais de acolhimento, mas sim assume caráter *“eliminatório”* e *“classificatório”*. Mesmo que saber e demonstrar saber apontem para efeitos de sentido e para domínios de naturezas diferentes, como nos explica Melman, os candidatos precisam dominar ambos:

Saber uma língua é muito diferente de conhecê-la. Saber uma língua quer dizer ser falado por ela, que o que ela fala em você se enuncia por sua boca, como destacado, a título do “eu”. [...] Conhecer uma língua quer dizer ser capaz de traduzir mentalmente, a partir da língua que se sabe, a língua que se conhece (Melman, 1992, p. 15, grifos nossos).

Corroborando esses aspectos, observamos que, em relação à redação, há uma mudança do edital de 2016 para os seguintes até 2019, ou seja, no primeiro, o candidato não pode *“escrever menos de 4 linhas”* ou obter nota zero; nos demais, não pode escrever menos de dez linhas ou zerar a prova. Portanto, aumenta-se a exigência quanto ao saber a língua oficial do hospedeiro concomitante às exigências de que o candidato seja capaz de demonstrar esse saber, ao produzir o mínimo de linhas indicado nos editais, bem como de atender às demais prescrições estabelecidas pelo discurso institucional para que não tenha a nota zero atribuída a sua redação.

Seguindo esse raciocínio, Da Rosa (2018, p. 1544) nos alerta que a exigência da prova de redação que se configura como um gênero impreciso, que deve ser redigida na língua oficial do hospedeiro pode ser mais uma barreira para o ingresso no ensino superior. Conforme argumenta a pesquisadora, “independentemente de outros saberes que o estudante-refugiado possa possuir, mesmo saberes academicamente reconhecidos, como cursos de graduação em andamento em seus próprios países, é uma prévia inserção linguística, que se

exige”.

A isso se some o fato, também destacado pela autora, de que no funcionamento do discurso institucional há marcas de textualização que engendram efeitos de sentido de “caráter imperativo, prescritivo e coercitivo” (Da Rosa, 2018, p. 1545). Isso ocorre no uso de algumas formulações, como o tempo verbal empregado no futuro do presente, tal qual em “deverá” e “será” e nas formulações que indicam punição ou penalização. Trata-se de marcas que nos mostram o funcionamento desse discurso como instrumento de poder.

Ao final dessa fase, ocorre a avaliação dos primeiros cinco (5) anos do PROHAITI, datada de abril de 2019, conforme arquivo disponibilizado no site¹² da UFFS em formato de apresentação de *powerpoint* intitulada “Diagnóstico Pró-Haiti: avaliação pós 5 anos”. Vale ressaltar que aqui o nome do programa foi grafado de modo diferente: “Pró-Haiti” indicando o que já tínhamos destacado do sentido de “programa” e “favorável à”. Podemos destacar que o “pró” se expande, pois nesse momento trata-se de uma avaliação para pensar formas de combater a evasão e de enfrentar os desafios para a permanência desses estudantes. Parece assim um deslocamento para “favorável aos estudantes, à permanência deles”, o que poderemos observar mais adiante com o Pró-Imigrante.

Desse material, a seguir trazemos um quadro no qual estão listadas ações já realizadas e outras prospectadas para o programa:

Quadro 1. “Diagnóstico Pró-Haiti: avaliação pós 5 anos”

O que vem sendo realizado

- Análise socioeconômica padrão (estudante padrão possui documentos de renda) + IN 1/PROAE/UFFS/2017 (Atenção diferenciada);

Desafios: documentos; língua (entrevistas)

Novas ações pensadas para 2019/01:

- Reunião de esclarecimento com estudantes (realizada em 03.07.2019 – campus Chapecó);
- Proposição de questionário socioeconômico (em francês);
- Consulta ao Bacen sobre acesso a remessas de recursos internacionais;

Fonte: UFFS (site)

Um dos desafios que aparece nesse quadro é a questão da língua, o que nos remete à afirmação de Peron, Cella e Bordignon (2023, p. 79) quanto às dificuldades enfrentadas pelos

12 Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/institucional/pro-reitorias/assuntos-estudantis/repositorio-pro-reitoria-de-assuntos-estudantis/diagnostico-pro-haiti-avaliacao-de-5-anos>

imigrantes recentes “[...] para alcançar os bancos escolares e universitários, especialmente pelo desconhecimento das instâncias que fazem a equivalência dos sistemas de ensino, das universidades que fazem o processo de revalidação de diplomas e também pela dificuldade com a língua portuguesa”, elemento este que permanece após o ingresso, pois no quadro 1, temos desafios elencados para estudantes que já estão na universidade.

Nessa direção, observamos nesse quadro a “proposição de questionário socioeconômico (em francês)”. Como as ações de oferta de cursos de português, esse é um movimento de hospitalidade, pois permite ao outro responder um documento imprescindível para sua vida acadêmica em uma língua, que já conhece, ainda que o crioulo seja considerada a língua que todos falam: “Embora o francês seja uma língua institucionalizada que circula nos espaços sociais de prestígio, como escolas e escritórios, o crioulo é falado pela expressiva maioria da população em seu cotidiano” (Mattos; Stübe, 2021, p. 321). E esse é um desafio para as universidades, isto é, poder oferecer ao imigrante documentos em várias línguas assim como oferta de cursos de português como preparação, talvez, aos processos seletivos, o que, sem dúvida, exigiria mais profissionais e recursos.

Além disso, nesse quadro, há um olhar a novas ações a serem pensadas, além da que já destacamos, o que mostra na avaliação dos cinco anos um movimento crescente de se pensar ações que possibilitem não só o acesso, mas também a permanência desses estudantes na Instituição a fim de combater a evasão, fator que também merece especial atenção¹³.

Nesse sentido, a seguir, buscaremos mostrar um terceiro mo(vi)mento a partir de nosso olhar-leitor, destacando o momento em que o programa se abre, acolhendo “outros rostos” além dos imigrantes haitianos. Mobilizado pelas alterações da realidade regional ainda em razão dos intensos fluxos migratórios e também em razão da experiência acumulada em que se constata que somente o acesso não é suficiente, o discurso institucional, por meio de seus programas de acesso, desloca-se em direção a ações para a permanência e o êxito desses estudantes na sua caminhada acadêmica sentindo-se acolhidos nesse novo espaço.

1.3 Um terceiro mo(vi)mento: *provar saber a língua*

Após alguns processos seletivos pelo PROHAITI em que o público-alvo eram os imigrantes haitianos, em 2019, a UFFS cria um programa mais amplo chamado Pró-

13 Devido ao recorte proposto para este ensaio, não nos aprofundaremos nas discussões relacionadas às políticas de permanência no ensino superior. Contudo, cabe destacar a relevância de se considerar também esse aspecto em uma análise que busque interpretar o discurso institucional e de suas políticas de promessa de permanência.

Imigrante, conforme mostramos nas SDs a seguir:

SD 09: RESOLUÇÃO Nº 32/2013 – CONSUNI Institui o **Programa de Acesso** à Educação Superior da UFFS para **estudantes haitianos - PROHAITI** e dispõe sobre os procedimentos para operacionalização das atividades do programa

SD 10: RESOLUÇÃO Nº 16/CONSUNI/UFFS/2019 Institui o **Programa de Acesso e Permanência a Estudantes Imigrantes (PRÓ-IMIGRANTE)**, no âmbito da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Ao observarmos a forma de nomear os programas, verificamos que há algumas mudanças importantes, porque sinaliza para uma política de ingresso que se amplia para um público maior que passa a compor o cenário da região de Santa Catarina. Peron, Cella e Bordignon (2023) destacam que estudantes de diversas nacionalidades se inscreveram no primeiro processo seletivo do Pró-Imigrante: Angola, Benin, Congo, Gabão, Haiti, República Dominicana, Togo e Venezuela. Destes, após a seleção, matricularam-se estudantes do Haiti, República Dominicana, Venezuela e Togo.

Outra mudança marcada linguisticamente no discurso institucional diz respeito ao uso das formulações “acesso e permanência”. Na SD 09, temos o “acesso”. Na nova nomenclatura um avanço em “pró” desses sujeitos que além de conseguir vencer a etapa do processo seletivo precisam se manter na Instituição. Assim, essa nova resolução ressalta que o programa “[...] caracteriza-se por um conjunto de serviços, projetos e ações articuladas com as demais políticas institucionais e acadêmicas que visam ao fortalecimento das condições de **acesso, permanência, êxito nas atividades acadêmicas** dos estudantes imigrantes da Instituição” (UFFS, 2019, grifos nossos).

Por esse viés, há mais um mo(vi)mento de deslocamento do discurso institucional, voltado para **o acesso e a permanência** com projetos e ações, conforme aponta o Art. 11 da resolução: O pró-imigrante “[...] contará com projetos e ações que visam o acolhimento, a permanência e o êxito acadêmico dos estudantes imigrantes da UFFS, sem prejuízo de outras a serem desenvolvidos: **I - Projeto Acolher UFFS; II - Projeto de Inserção Universitária; III - Ações de Integração Cultural** (UFFS, 2019, grifos nossos).

Vale ressaltar que a resolução que instituía o PROHAITI já trazia algo semelhante, mas menos desenvolvido em relação ao que consta no PRÓ-IMIGRANTE, já fruto de anos de

experiência e acompanhamento desses estudantes: “Poderão ser incluídas outras modalidades de estudo que venham a ser consideradas pertinentes ao Programa, inclusive, relativas ao aprendizado da Língua Portuguesa” (UFFS, 2013). O PRÓ-IMIGRANTE traz **o acesso e a permanência**. E quanto à última, as proposições são feitas a partir de projetos e ações.

Ao pensarmos na perspectiva da língua de acolhimento como acolhimento em línguas com as autoras Bizon e Camargo (2018), destacamos a importância da escuta ao outro. O que nos parece é que as mudanças que o PRÓ-IMIGRANTE¹⁴ traz são resultantes desses anos de experiência em que os processos seletivos foram ocorrendo, os estudantes vivenciando o dia a dia da universidade, a própria avaliação após os primeiros cinco anos do PROHAITI que consta no site da universidade. E, além disso, conforme consta em Peron, Cella e Bordignon (2023, p. 76), mais recentemente, em 2022, a aplicação de um questionário aos estudantes haitianos com o objetivo de “identificar a percepção deles a respeito dos processos seletivos de ingresso, da inserção na universidade, das ações de permanência, além de levantar sugestões para qualificação do Programa Pró-imigrante”.

Contudo, parece-nos haver movimentos heterogêneos em relação à hospitalidade do discurso institucional, uma vez que ao mesmo tempo em que se amplia o perfil dos potenciais candidatos - de haitianos para imigrantes - afunila-se a forma de ingresso, em que *saber a língua* é determinante para o acesso ao ensino superior, configurando-se muito mais como gesto hostil do que hospitaleiro, ou seja, é a hos(ti)pitalidade em funcionamento. Como nos lembra Derrida (2004), hospitalidade e hostilidade não compõem uma contradição, mas se convocam mutuamente de maneira embaraçosa. É sobre esse “embaraço” derridiano que discutiremos neste último bloco de análises.

Cronologicamente, temos até 2021 a oferta de processos seletivos exclusivos para estudantes haitianos, já para o ingresso em 2022 ocorrem processos seletivos que unificam os programas e a partir de 2023 somente o PRÓ-IMIGRANTE é mantido, após a revogação do PROHAITI, por meio da Resolução N° 107/2022 - CONSUNI. Nesse período, acontecem também mudanças em relação ao formato das provas de seleção.

Essas mudanças anunciam um terceiro mo(vi)mento do discurso institucional que é marcado pelo *provar saber a língua*. Para discuti-lo, destacamos as seguintes SDs:

14 Cabe destacar que no site da UFFS, na aba que apresenta o Pró-Imigrante ([Apresentação \(uffs.edu.br\)](http://uffs.edu.br)), encontramos um mo(vi)mento hospitaleiro, no qual o texto de apresentação aparece em mais de uma língua: crioulo-haitiano, francês, espanhol e inglês, os dois primeiros foram traduzidos por discentes haitianos. Contudo, esse é o único texto disponível no site da UFFS que traz versões em outras línguas.

SD 11: 3.1 O Processo Seletivo, para o qual se abrem inscrições neste Edital, será conduzido por uma **Comissão Examinadora Institucional**, constituída de, no mínimo, 3 (três) servidores da UFFS que tenham formação em Letras Português, ou Letras Português e outra língua, ou Linguística (UFFS, 2021).

SD 12: 3.2 O Processo Seletivo será conduzido em duas etapas: **avaliação da Carta de Intenções e entrevista, ambas de caráter eliminatório e classificatório** (UFFS, 2021).

3.2.1 Sobre a Carta de Intenções:

I - A Carta de Intenções **deve ser escrita em língua portuguesa**, em até 30 linhas, e **deve** ser de autoria própria do participante. Plágios serão desconsiderados e o candidato desclassificado do Processo Seletivo.

3.2.2 Sobre a entrevista:

I - A entrevista consistirá em uma interação, face a face, **em língua portuguesa**, entre o candidato e a Banca Examinadora, composta por 2 (dois) membros, com duração de até 15 minutos, sobre um dos seguintes tópicos, a ser sorteado no momento da entrevista (UFFS, 2021).

Observamos na SD 11 que, além da comissão de acesso e acompanhamento, há uma “*Comissão Examinadora Institucional*” composta por profissionais da área de Letras. Desse modo, uma comissão especialista do que será exigido ao candidato: **provar saber a língua** tanto na competência escrita, pela carta de intenções, quanto na competência oral, pela entrevista. Nesse sentido, ressaltamos como os processos seletivos vão se alterando gradativamente até chegar na exigência das duas competências que o candidato mais precisará ao longo de sua trajetória acadêmica: a escrita e a fala, ambas em língua portuguesa.

Neste terceiro mo(vi)mento, que marca a extinção do PROHAITI e o início do processo de implantação do PRÓ-IMIGRANTE, o discurso institucional estabelece condicionantes que afunilam o perfil dos candidatos ao ingresso na Universidade: trata-se de um estrangeiro capaz de se comunicar na língua do outro, no idioma do hospedeiro. Tal condição é determinante para que ele seja aceito no espaço universitário e, em nosso olhar, configura-se em uma violência, conforme nos descreve Derrida (2004, p. 251): “esta é talvez a primeira violência sofrida pelo estrangeiro, ter que fazer valer seus direitos numa língua que ele não fala”. Não só falar, é preciso também **provar**, escrevendo na língua do hospedeiro para garantir hospitalidade.

No decorrer de nossas análises, indagamo-nos se o acontecimento da pandemia de Covid-19 poderia ter afetado o formato da prova de seleção em virtude da necessidade de distanciamento social, principalmente nos anos de 2020 e 2021. No entanto, verificamos que

o formato de seleção, conforme indicado na SD 12, manteve-se nos demais editais seguintes, ocorrendo apenas a mudança no modo de realização, passando de online para presencial. Isso nos levou a interpretar que a pandemia afetou apenas as condições de realização dos processos seletivos, uma vez que o formato adotado desde então se manteve. Portanto, trata-se de uma escolha institucional, que opta por estabelecer uma hospitalidade condicionada e que desconsidera o fato de que os sujeitos:

[...] *são atravessados por suas línguas, por todas, e se fazem sujeitos a partir delas.* Condição e possibilidade desestabilizante e que nunca se finda. O sujeito nunca está pronto e mais do que ser um sujeito que é atravessado por línguas outras - como o português agora que se situam na posição de imigrantes - essas línguas outras os constituem (Mattos; Stübe, 2021, p. 327, grifos nossos).

Desconsiderar que os sujeitos se fazem sujeitos a partir de suas línguas constitui-se, pois, em um gesto de hostilidade, uma vez que a língua do hospedeiro é imposta ao estrangeiro e sobre ela é preciso provar o seu domínio. Consideramos que tal postura vai na contramão de um olhar acolhedor e hospitaleiro, em especial, se defendermos a perspectiva de que a escola - e por extensão a universidade - precisa se repensar, não a partir de modelos, receitas e fôrmas, mas como Coracini (2007, p. 112) propõe: “a partir do outro que sou eu e do eu que sou outro, não impossibilitando essa expressão [...], mas se abrindo para acolher, hospedar o diferente, aprendendo com ele e dando-se a ele”. Nessa direção, destacamos, conforme Grosso, que a operacionalização da língua de acolhimento no processo de ensino-aprendizagem ultrapassa o âmbito profissional. Para ela, além da língua, é necessário um trabalho conjunto de quem chega e de quem acolhe no compartilhamento e no modo de compreender comportamentos, costumes, atitudes e valores (Grosso, 2010).

Ainda em relação ao formato de prova adotado para a seleção neste terceiro mo(vi)mento, destacamos a SD 12 na qual estão descritas as duas etapas do processo: “*avaliação da Carta de Intenções e entrevista, ambas de caráter eliminatório e classificatório*”. Conforme já apontamos anteriormente, a exigência de saber a língua portuguesa é ratificada e as cobranças são ampliadas, se considerarmos os critérios que são estabelecidos para ambas:

SD 13:

III - Serão objetos de avaliação da carta de intenções os descritos abaixo:

Item	Critérios de avaliação para a Carta de Intenções	Máx.
01	Domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa	3,0
02	Apresentação e experiências do candidato	2,5
03	Nível de argumentação (motivações acadêmicas, profissionais e pessoais para a escolha da UFFS e do curso pretendido. Expectativas do candidato em participar da seleção)	2,5
04	Capacidade de reflexão (benefícios pela realização do curso para a vida do candidato, para o seu país de origem e para a UFFS)	2,0
Total		10

X - Os critérios para a avaliação da entrevista são os constantes no quadro abaixo:

Item	Critérios de avaliação para a entrevista	Máx.
01	Compreensão	2,0
02	Competência Interacional	2,0
03	Fluência	1,0
04	Adequação Lexical	2,0
05	Adequação Gramatical	2,0
06	Pronúncia	1,0
Total		10,0

(UFFS, 2021).

A pontuação distribuída no conjunto de critérios selecionados para avaliar o candidato atesta a necessidade de se *provar saber a língua*. Em relação à carta de intenções, o “*domínio do gênero textual Carta e da escrita formal da língua portuguesa*” tem peso 3 em um total de 10 pontos. Já na entrevista, interpretamos que todos os itens elencados para avaliação estão exclusivamente voltados para que o candidato *prove que sabe a língua*.

Com um novo formato de prova para avaliar os candidatos estrangeiros, o PRÓ-IMIGRANTE se configura como o atual modelo de processo seletivo, marcando mais um dos mo(vi)mentos do discurso institucional da UFFS em relação às suas políticas de acesso ao ensino superior. Interpretamos que se trata de deslocamentos engendrados ao longo de mais de uma década em que os fluxos migratórios trouxeram “outros rostos” para o espaço universitário, o que demandou novos olhares para esses rostos.

Um ponto de parada

A tarefa do pesquisador viajante [...] é a tentativa de uma produção ininterrupta de estrangeiridade: o incômodo de quem, quase dentro e quase fora das linhas de força e dos códigos do território a ser investigado, pode estranhar o que ali e então é engendrado – ou seja, estranhar a si mesmo e ao mundo (Mizoguchi, 2016, p. 43).

Começamos a tecer as trilhas de nosso ponto de parada inspiradas na epígrafe que abre esta última seção, colocando-nos na posição de sujeitos-pesquisadoras-viajantes, como quem (se) produz ininterruptamente (pelo) o incômodo, por meio de provocações e de questionamentos necessários ao fazer científico. Tal qual um estrangeiro, experienciamos o

estranhamento dos territórios a serem investigados e tentamos exercitar um trabalho de interpretação, convocando o olhar do outro. Para isso, desconstruímos nosso olhar - o do sujeito da língua do hospedeiro/hos(ti)pitaleiro - para um olhar do sujeito-outro-estranho-estrangeiro que (se) hospeda. Enfim, propomo-nos a desconstruir, para reconstruir deslocando, como nos ensina Derrida (2004).

Ao deslocar nosso olhar, buscamos interpretar o funcionamento do discurso institucional da UFFS para as políticas de acesso (e de permanência como mostramos na seção 1.3) ao ensino superior e identificamos mo(vi)mentos que reverberam importantes aspectos que precisam ser considerados nas políticas institucionais relacionadas ao ingresso de estudantes estrangeiros em nossas universidades. Além disso, também nos inquietamos com questões evocadas pelas distintas compreensões acerca da língua de (não) acolhimento, materializadas no arquivo que reunimos para este artigo.

Diante de todos os materiais lidos e estudados, compreendemos que as áreas do acolhimento ao imigrante precisam constantemente se autoavaliar para diagnosticar seus pontos frágeis e reconhecer suas ações bem-sucedidas. Contudo, tais gestos não poderiam se restringir ao espaço das universidades, mas também deveriam envolver outras esferas da sociedade, especialmente no que toca à questão da língua. Sobre isso, Bizon e Camargo (2018, p. 713) destacam que a “quase ausência de políticas institucionalizadas para a recepção, que tenham como um de seus pilares o ensino da língua portuguesa”, explica o fato de que grande parte das ações existentes estarem a cargo do voluntariado, por meio de organizações não governamentais e religiosas, por exemplo.

No caso da UFFS, verificamos ao longo dos anos uma caminhada em que se fazem presentes constantes revisões e ajustes do modo de acesso, assim como avaliação no sentido de ampliar o programa e oferecer ao estudante a possibilidade não só de acesso, mas de permanência e de êxito acadêmico. Portanto, um movimento de hospitalidade. Entretanto, observamos também como as exigências em relação ao saber linguístico aumentam, o que nos remete a Derrida e à hos(ti)pitalidade. Embora, compreendamos que as exigências ao estudante ao longo de sua trajetória acadêmica serão em língua portuguesa e por isso ele precisa demonstrar saber a língua no processo seletivo, diante do que foi explicitado ao longo do percurso aqui proposto, entendemos também que a língua é uma barreira para o acesso e para a permanência e, nesse sentido, são necessárias ações diversas não só após o acesso, mas, talvez, como preparação ao ingresso.

Na posição de professoras de línguas, cabe-nos algumas provocações a fim de

buscarmos alternativas menos ou não hostis para o ingresso e a permanência desses sujeitos ao ensino superior. Ao olharmos para os baixíssimos índices de conclusão daqueles que ingressam na universidade, podemos nos questionar sobre qual o lugar da língua nesse insucesso, também podemos nos indagar sobre quais políticas de permanência seriam necessárias para que os índices de evasão também fossem mitigados, como, por exemplo a oferta de cursos de imersão ou a proposta de um outro olhar para os componentes curriculares relacionadas à língua portuguesa para imigrantes.

Contudo, junto a essas provocações, também passamos a nos questionar se a oferta de cursos de língua portuguesa para os sujeitos-estudantes haitianos e demais imigrantes que ingressam na universidade se configuraria apenas como um gesto de acolhimento ou se também poderia “des-mascarar” (Stübe, 2008) uma tentativa de ajustamento/controlado desse outro que aqui se instala, e que às vezes é bilíngue ou poliglota, mas que chega em um país oficialmente monolíngue. Como bem nos lembra Da Rosa (2018, p. 1548), na posição de professoras de línguas que somos, é imprescindível “analisarmos o papel que as línguas exercem na violação ou no respeito aos direitos humanos, de modo a pensarmos em seu ensino e na avaliação de sua proficiência para além do caráter meramente ‘linguístico’”. Como pensar um ensino de línguas que leve em conta o respeito e a não violação aos direitos?

Parafraseando Fernando Pessoa, encerramos essa jornada afirmando que *deslocar é preciso, hostilizar não é preciso*. Utopia? Talvez sim, mas como já nos ensinou Coracini (2007, p. 112), “só assim será possível falar de cidadania, de hospitalidade, de acolhida do estranho-estrangeiro-outro-hóspede-hostil”.

Referências

ANÇA, M. H. Língua portuguesa em novos públicos. *Saber (e) Educar*, Porto, n. 13, p. 71-87, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11796/924>. Acesso em: 14 jan. 2024.

BARROS, A. F. O.; MARTINS-BORGES, L. Reconstrução em Movimento: Impactos do Terremoto de 2010 em Imigrantes Haitianos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, n. 1, p. 157-171, jan/mar. 2018. Disponível em: scielo.br/j/pcp/a/FKKmgrhN6CP3BK6DRsVkqBD/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 13 jan. 2024.

BIZON, A. C. C.; CAMARGO, H. R. E. Acolhimento e ensino da língua portuguesa à população oriunda de migração de crise no município de São Paulo: por uma política do atravessamento entre verticalidades e horizontalidades. *In: Migrações Sul-Sul*. 2. ed. Campinas: Nepo/Unicamp, 2018.

BORRADORI, G.; DERRIDA, J. Auto-imunidade: Suicídios Reais e Simbólicos – Um diálogo com Jacques Derrida. In: BORRADORI, G. *Filosofia em tempo de terror: diálogos com Jünger Habermas e Jacques Derrida*. Tradução Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 95-146.

CORACINI, M. J. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: língua (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

CORACINI, M. J. Transdisciplinaridade e análise de discurso: migrantes em situação de rua. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 11, n. 1, p. 91-112, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/les.v11i1.9758>. Acesso em 11 jan. 2024.

DA ROSA, M. Seleção e ingresso de estudantes refugiados no ensino superior brasileiro: a inserção linguística como condição de hospitalidade. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 57, n. 3, p. 1534-1551, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651687>. Acesso em: 11 jan. 2024.

DA ROSA, M. Leis e leituras: análise do discurso institucional sobre as “reformas universitárias” no Brasil e na França (2003-2013). *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 26, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/4695>. Acesso em: 11 jan. 2024.

DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE, A. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. Tradução Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. *De que amanhã...Diálogo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DERRIDA, J. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. Tradução de Piero Eyben. *Cerrados - Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*, Brasília, v. 21, n. 33, p. 231- 251, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26148>. Acesso em: 10 jan. 2024.

DERRIDA, J. Hostipitality. *Angelaki: Journal of the theoretical humanities*. v. 5, n. 3, p. 3-18, dez. 2000.

DERRIDA, J. La langue n'appartient pas – Entretien avec Jacques Derrida. In: Europe n° 861/862, janeiro-fevereiro 2001a, p. 81-91. *A Língua não pertence: entrevista com Jacques Derrida*. Tradução não publicada de Carlos Teixeira.

DERRIDA, J. *O Monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001b.

GROSSO, M. J. Língua de acolhimento, língua de integração. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 9, n. 2, p. 61-77, 2010.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo: A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. (org.) *Gestos de leitura*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p.

169-192.

MATTOS, L. A. de .; STÜBE, A. Migração, sujeito e entre-línguas: perder-se no labirinto da palavra. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 310-330, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1945>. Acesso em: 14 jan. 2024.

MELMAN, C. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo: Escuta, 1992.

MIZOGUCHI, D. H. *Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós*. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGA, 2016.

OGER, C.; OLLIVIER-YANIV, C. Analyse du discours institutionnel et sociologie compréhensive: vers une anthropologie des discours institutionnels. Mots: les langages du politique. *Mondialisation(S)*, n. 71, p. 125-145, mar. 2003.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M. Abertura do Colóquio. In: CONEIN, B. et. al. (Orgs.). *Materialidades discursivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016, p. 23-29.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HACK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 2014, p. 59-158.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. [et al.]. *Papel da memória*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007, p. 49-57.

PERON, L.; CELLA, R. ; BORDIGNON, S. Programas específicos de inserção de estudantes imigrantes na UFFS: primeiras impressões. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, v. 36, n. 58, p. 75-88, 2023.

SÃO BERNARDO, M. A. *Português como língua de acolhimento: um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

SILVA, M. V. Por uma outra terminologia teórica do Português como Língua de Acolhimento no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 11, n. 1, 2023.

STÜBE, A. *Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

Referências do arquivo analisado:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. *UFFS unifica os programas Prohaiti e*

Pró-Imigrante. 30 ago. 2022. Disponível em: https://www.uffs.edu.br/institucional/reitoria/diretoria_de_comunicacao_social/noticias/uffs-promove-a-unificacao-dos-programas-prohaiti-e-pro-imigrante. Acesso em: 14 jan. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. *Prohaiti*. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/institucional/pro-reitorias/graduacao/ingresso/prohaiti/programa>. Acesso em: 27 mar. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. *Diagnóstico Pró-Haiti: avaliação pós 5 anos*. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/institucional/pro-reitorias/assuntos-estudantis/repositorio-pro-reitoria-de-assuntos-estudantis/diagnostico-pro-haiti-avaliacao-de-5-anos>. Acesso em: 26 nov. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. *Resolução nº 32/2013 – CONSUNI/UFFS/2013*. Institui o Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos - PROHAITI. Chapecó: UFFS, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. *Resolução nº 16/CONSUNI/UFFS/2019*. Institui o Programa de Acesso e Permanência a Estudantes Imigrantes (PRÓ-IMIGRANTE), no âmbito da Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó: UFFS, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. *Edital nº 038/UFFS/2014*. Processo Seletivo Especial para Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos - PROHAITI. Chapecó SC, 2014a. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/edital/gr/2014-0038>. Acesso em: 14 jan. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. *Edital nº 359/UFFS/2014*. Processo Seletivo Especial para Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos - PROHAITI. Chapecó SC, 2014b. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/edital/gr/2014-0359>. Acesso em: 14 jan. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. *Edital nº 052/UFFS/2015*. Processo Seletivo Especial para Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos - PROHAITI. Chapecó SC, 2015. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/edital/gr/2015-0052>. Acesso em: 14 jan. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. *Edital nº 014/UFFS/2016*. Processo Seletivo Especial para Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos - PROHAITI. Chapecó SC, 2016a. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/edital/gr/2016-0014>. Acesso em: 14 jan. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. *Edital nº 1005/UFFS/2016*. Processo Seletivo Especial para Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos - PROHAITI. Chapecó SC, 2016b. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/edital/gr/2016-1005>. Acesso em: 14 jan. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. *Edital nº 265/GR/UFFS/2021*. Processo Seletivo Especial para Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes

haitianos - PROHAITI. Chapecó SC, 2021. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/edital/gr/2021-0265>. Acesso em: 14 jan. 2024.